

Da “criança generalizada” ao “infantil singularizado”: nossa medida na ética

Lia Carneiro Silveira

Resumo

Este trabalho explora a expressão “criança generalizada”, utilizada por Lacan em seu texto “Alocação sobre as psicoses na infância”, articulando-a com alguns impasses da psicanálise na contemporaneidade. Partindo da noção de discurso com o aparelhamento do gozo pela linguagem, o texto examina como o discurso capitalista, associado aos avanços tecnocientíficos, por um lado, desmembra o corpo para fazer dele objeto de troca e, por outro, promove identificações imaginárias que mascaram a falta estrutural. A criança generalizada é um efeito dessa conjuntura, que deixa os sujeitos em uma posição objetificada em relação ao que interpreta do desejo do Outro, seja pela demanda de reconhecimento, seja pela adesão a significantes prontos oferecidos pelo mercado. Em contrapartida, o texto propõe o “infantil singularizado” como possibilidade de saída ética — não como retorno à infância, mas como delimitação, a partir de uma análise, daquilo que toca o real do sujeito em sua dimensão mais singular, permitindo o advento de um modo de vida que não se deixe colonizar pelos imperativos de gozo do capitalismo.

Palavras-chave:

Psicanálise; Criança generalizada; Singularidade; Ética; Discurso capitalista.

From the “generalized child” to the “singularized infantile”: our ethical measure

Abstract

This work explores the term “generalized child” used by Lacan in his text “Address on Childhood Psychoses,” connecting it with some contemporary impasses in psychoanalysis. Starting from the notion of discourse as the apparatus of jouissance through language, the text examines how capitalist discourse, associated with technoscientific advances, on one hand dismembers the body to turn it into an object of exchange, and on the other promotes imaginary identifications that mask structural lack. The generalized child is an effect of this conjuncture that leaves subjects in an objectified position

in relation to what they interpret from the Other's desire, whether through demands for recognition or adherence to ready-made signifiers offered by the market. In contrast, the text proposes the "singularized infantile" as a possibility for an ethical way out—not as a return to childhood, but as a delimitation of what escapes symbolic determinations and touches the real of the subject in its most singular dimension, allowing for the emergence of a way of life not colonized by capitalism's imperatives of jouissance.

Keywords:

Psychoanalysis; Generalized child; Singularity; Ethics; Capitalist discourse.

De la "niñez generalizada" al "infantil singularizado": nuestra medida en la ética

Resumen

Este trabajo explora el término "niñez generalizada" utilizado por Lacan en su texto "Alocución sobre las psicosis en la infancia", articulándolo con algunos impasses del psicoanálisis en la contemporaneidad. Partiendo de la noción de discurso como el aparato del goce por el lenguaje, el texto examina cómo el discurso capitalista, asociado a los avances tecnocientíficos, por un lado desmiembra el cuerpo para convertirlo en objeto de intercambio y, por otro, promueve identificaciones imaginarias que enmascaran la falta estructural. La niñez generalizada es un efecto de esta coyuntura que deja a los sujetos en una posición objetivada en relación a lo que interpretan del deseo del Otro, ya sea a través de la demanda de reconocimiento, ya sea por la adhesión a significantes preestablecidos ofrecidos por el mercado. En contrapartida, el texto propone el "infantil singularizado" como posibilidad de una salida ética — no como retorno a la infancia, sino como delimitación de aquello que escapa a las determinaciones simbólicas y toca lo real del sujeto en su dimensión más singular, permitiendo el advenimiento de un modo de vida que no se deje colonizar por los imperativos de goce del capitalismo.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Niñez generalizada; Singularidad; Ética; Discurso capitalista.

De l'« enfant généralisé » au « infantile singularisé » : notre mesure en éthique

Résumé

Ce travail explore le terme « enfant généralisé » utilisé par Lacan dans son texte « Alocution sur les psychoses de l'enfance », en l'articulant avec certaines impasses de la

psicanalyse dans la contemporanéité. Partant de la notion de discours comme appareillage de la jouissance par le langage, le texte examine comment le discours capitaliste, associé aux avancées technoscientifiques, d’une part démembré le corps pour en faire un objet d’échange et, d’autre part, promeut des identifications imaginaires qui masquent le manque structurel. L’enfant généralisé est un effet de cette conjoncture qui place les sujets dans une position objectivée par rapport à ce qu’ils interprètent du désir de l’Autre, que ce soit à travers la demande de reconnaissance ou l’adhésion à des signifiants tout faits offerts par le marché. En contrepoint, le texte propose l’« infantile singularisé » comme possibilité d’une issue éthique — pas comme un retour à l’enfance, mais comme délimitation de ce qui échappe aux déterminations symboliques et touche au réel du sujet dans sa dimension la plus singulière, permettant l’avènement d’un mode de vie qui ne se laisse pas coloniser par les impératifs de jouissance du capitalisme.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Enfant généralisé ; Singularité ; Éthique ; Discours capitaliste.

À pequena Jade, que, enquanto eu escrevia este texto, chegou para alegrar nossas vidas.

A “criança generalizada”, o avanço técnico científico e o discurso capitalista

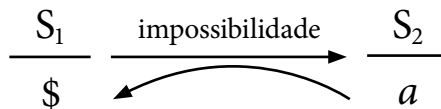
“Criança generalizada” é uma expressão empregada por Lacan (1967/2003) em *Alocução sobre as psicoses da infância* para designar um efeito decorrente do avanço tecnocientífico e de sua assimilação pelo discurso capitalista. Mas o que a posição psicótica, a ciência e o discurso capitalista teriam em comum? E o que permite a Lacan estabelecer tal articulação?

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer o que Lacan entende por discurso. Não se trata meramente de enunciados, como sugere o senso comum, mas do modo pelo qual a linguagem aparelha o gozo, ordenando-o em uma estrutura com lugares definidos: o agente (ou o semblante que comanda o discurso), o outro (destinatário do gozo), a verdade subjacente e o produto gerado — o *mais-de-gozar*. Lacan associa essa estrutura ao próprio laço social, afirmando: “O ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o húmus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar, com esse aparelho” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 48).

O discurso do mestre, por exemplo, tem sua origem na inscrição de um significante primordial — aquele sob o qual o sujeito consente em se deixar representar. Esse processo funda-se em uma alienação estrutural: o significante (vindo do Outro) passa a representar o sujeito para outro significante. Nesse aparelhamento,

o significante-mestre (**S1**) ocupa a posição de semblante — isto é, opera como agente que direciona a cadeia em direção a um segundo significante (**S2**) —, enquanto a verdade do sujeito (sua divisão e castração) permanece velada, relegada ao espaço abaixo da barra. A estrutura desse discurso só se completa quando, pelo fracasso constitutivo do significante em apreender a coisa, a operação de dominação do mestre sobre o escravo produz um resto irredutível. Esse resíduo inscreve-se como perda (no matema, posicionado abaixo e à direita), mas uma perda que retorna na economia psíquica sob a forma do mais-de-gozo. Lacan formalizou esse resto com uma letra — **o objeto a** —, elevando-o ao estatuto de sua contribuição original à psicanálise (Lacan, 1969-1970/1992).

Figura 1. Matema do discurso do mestre.



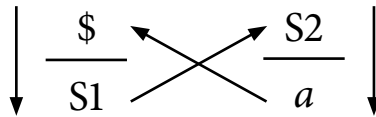
Fonte: Lacan, 1969-1970/1992.

Todo discurso é marcado por um ponto de fracasso, ou seja, pela impossibilidade de dominar completamente o gozo que pretende regular. O discurso do mestre, por exemplo, esbarra no impossível de governar, que Freud (1937/1190) já havia demarcado em “Análise terminável e interminável”, juntamente com os impossíveis em jogo no ato de educar e de psicanalisar. Lacan vai ancorar cada um desses impossíveis em um discurso específico, situando-os respectivamente no discurso do mestre, no discurso universitário e no discurso do analista, e aos quais ele vai acrescentar mais um impossível: fazer desejar, característico do discurso histórico. Esses quatro modos de circunscrição do impossível apontam para o real lacaniano por excelência: a inexistência da relação sexual, condição dos seres sexuados submetidos à linguagem, aos quais é vedado o acesso a um gozo absoluto (Lacan, 1972-1973/1985).

Ocorre que, na sociedade atual, o discurso do mestre sofre uma torção e passa a conformar aquilo que Lacan (1972/1978) vai chamar de discurso capitalista. Sua particularidade reside precisamente na negação sistemática do impossível, na recusa a reconhecer a castração fundante que a linguagem impõe. Enquanto nos outros discursos o fracasso é admitido como limite estrutural, aqui ele é mascarado por uma lógica perversa: a relação entre agente e outro é substituída por um circuito de consumo, em que o sujeito (\$), reduzido à condição de consumidor, é

confrontado com uma série interminável de objetos-*gadgets*, mercadorias oferecidas como supostamente podendo aplacar a falta.

Figura 2. Matema do discurso capitalista.



Fonte: Lacan, 1972/1978.

A alocação: entre a criança objeto de gozo do Outro e a apropriação do corpo como objeto de troca

Ao ser convidado por Maud Mannoni a se pronunciar sobre as psicoses infantis, Lacan recusa-se a assumir a posição do especialista em “infância”. Em vez disso, faz uma alocação, traçando um paralelo entre a posição da criança tomada como objeto condensador de gozo da mãe e certo uso do corpo que a ciência vem se autorizando a fazer a partir do adágio liberalista “seu corpo é seu”. Nesse paralelo, Lacan parece antever os desdobramentos extremos do discurso capitalista: sua capacidade de transformar até mesmo o corpo humano em mercadoria, desmembrando-o para fazer dele objeto de troca.

O que era uma intuição lacaniana em 1967 tornou-se a realidade gritante de nossa época. Assistimos hoje, por exemplo, à multiplicação de ofertas cirúrgicas que mutilam o corpo com a promessa de adequá-lo, seja a um padrão de beleza ideal, seja a uma conjunção que supostamente acomodaria os semblantes de gênero ao corpo sexuado. Sob o véu do empoderamento, opera-se uma inversão cruel: o sujeito é levado a acreditar que sua submissão aos imperativos do mercado corporal constitui um ato de emancipação. Trata-se de uma tentativa de suturar o insuturável, de eliminar os furos entre Real, Simbólico e Imaginário. Enquanto isso, o sujeito da ciência permanece alheio à verdade em jogo nesse processo, revelando a cumplicidade entre o discurso capitalista e a forclusão do sujeito.

O mais cruel nessa lógica reside em seu fracasso constitutivo: quanto mais o sujeito busca “adequar-se” por meio dessas modificações, mais radicalmente experimenta a hiância que há entre corpo e linguagem. As cicatrizes físicas tornam-se o testemunho silencioso dessa impossibilidade, marcas de um gozo que sempre escapa às tentativas de dominação técnica. Nesse sentido, o corpo mutilado contemporâneo transforma-se no sintoma social por excelência de nossa época — a encarnação material da recusa capitalista em reconhecer os limites estruturais do simbólico.

Desse modo, o discurso capitalista acaba por produzir seu próprio impossível. Por mais frenético que seja o ciclo de produção e consumo, os objetos-mercadorias não resolvem a questão da falta. Quando os sujeitos se confrontam com a precariedade dessas soluções ilusórias — e, simultaneamente, com a destituição dos significantes que outrora organizavam o discurso do mestre (agora reduzidos a uma verdade recalçada sob a barra) —, encontram-se desorientados. Privados de recursos simbólicos que lhes permitam localizar seu lugar no discurso, caem selvagememente no desamparo.

É nesse contexto que se manifesta o que Izcovich (2006) denominou “paradoxo da modernidade”: ao mesmo tempo que se torna incontornável a evidência da inexistência de um Outro que ofereça garantias, o sujeito, incapaz de assumir sobre si a responsabilidade por essa falha estrutural, acaba por reinstaurar figuras de um Outro sem barra. Os fundamentalismos diversos que emergem em nossa época — religiosos, políticos, identitários — testemunham esse movimento paradoxal. Longe de serem meros resquícios arcaicos, constituem respostas sintomáticas à crise do simbólico engendrada pelo próprio capitalismo.

O mesmo movimento discursivo que produz o desmantelamento dos antigos referenciais simbólicos engendra também uma demanda paradoxal por novos significantes aos quais o sujeito possa alienar-se. Assistimos, assim, à proliferação de classificações psiquiátricas, que funcionam como verdadeiros marcadores identitários — TDAH, TOD, ou o expansivo espectro autista, que recobre toda sorte de singularidades comportamentais com o manto do diagnóstico. Do mesmo modo, encontramos no campo social a tentativa de oferecer uma via de ancoragem simbólica, a partir de um traço — seja ele de raça, de gênero ou de orientação sexual, como eixos organizadores da subjetividade.

O problema essencial não reside na legitimidade desses elementos como expressões culturais, mas no modo como funcionam como substitutos imaginários para a relação do sujeito com sua singularidade. Ao reduzir-se a esses significantes, o sujeito encontra uma aparente estabilidade identitária, mas às custas de excluir justamente aquilo que o constitui mais radicalmente: sua relação singular e irredutível com o gozo. Essa exclusão, contudo, nunca é definitiva — o recalçado sempre retorna, e o gozo excluído do circuito simbólico reaparece sintomaticamente, seja nas formas de sofrimento psíquico, seja nas contradições internas desses próprios discursos identitários.

Posição do analista: em 1967 e nos dias atuais

Ainda no texto “Alocução sobre a psicose na infância”, Lacan (1967/2003, p. 360) se faz uma pergunta que diz respeito à posição do analista diante dessa oferta

do discurso capitalista. Ele diz que esse cenário se presta à criação de uma armadilha na qual os analistas correm o risco de cair: o risco de “instaurar modas, métodos em que o sujeito é convidado a se proferir naquilo que eles entendem como manifestações de sua liberdade”. Ou seja, a armadilha consiste em acreditar que o problema com o qual a psicanálise lida é decorrente da subjugação por um Outro que, por sua vez, impede que haja o gozo absoluto, o que levaria o analista a assumir uma postura que convidaria o sujeito às “manifestações de liberdade”. E logo adiante Lacan se pergunta: “não será essa uma perspectiva meio estreita? Será que ela não traz em si seu limite e seu engodo?” A que Lacan estaria se referindo, qual seria o engodo?

Entendo que, quando questiona essa perspectiva, Lacan nos convida a refletir sobre o paradoxo fundamental que a psicanálise revela: não há nada que o neurótico tema mais na vida do que sua liberdade. Sua angústia tem a estrutura daquele pagode antigo, que diz “o que é que eu vou fazer com essa tal liberdade...”, pois, embora clame por ela, teme profundamente o desamparo que se separar do Outro implica.

A constituição do sujeito se dá justamente como resposta a esse desamparo primordial. A identificação ao traço unário vindo do Outro programa, ao mesmo tempo, a repetição do encontro faltoso e a perda de gozo que vai se perpetuar como resto do infantil na vida adulta. Para estruturar o campo do desejo, a falta é localizada a partir da inscrição do significante Nome-do-Pai como aquele que veicula a lei simbólica. É ela que comparece, introduzindo a significação fálica, que humaniza o desejo e delimita as zonas erógenas. Porém, essa operação tem um custo: o recalçamento do traço original e a instalação da repetição sintomática.

O Outro como aquele que serviria de garantia do discurso, falta, e é diante dessa solidão, ali onde o Outro não responde, que se escreve, a partir dos traços que fixaram a experiência parcial de gozo, a fantasia inconsciente. A significação fantasmática surge, então, como tentativa de recuperar, pela demanda, o gozo perdido, mantendo a ilusão de um Outro consistente que poderia garantir o sentido. É nessa fantasia que o gozo vai aparecer no retorno do circuito pulsional como vindo do Outro (“o Outro quer me...”), mas é também ela que vai moldar as relações do sujeito com os pequenos outros de seus investimentos libidinais.

Essa construção que o sujeito encontra na neurose para não ficar diante do desamparo trata-se de uma estratégia bastante incômoda. Ela cai tão bem como polainas em um coelho, diz Lacan (1962-1963/2005), pois deixa o sujeito à mercê da instabilidade dos indícios do desejo dos pequenos outros que localiza no lugar do Ideal e que, no mais das vezes, sabem tão pouco sobre seu próprio desejo quanto o sujeito que aí os alojam. Como cantou Renato Russo: “Você culpa seus pais por tudo. Isso é absurdo. São crianças como você”. O engodo da “criança generalizada” é precisamente essa posição subjetiva que perpetua a demanda infantilizada

ao Outro, uma posição que deriva desse instante em que, confrontado com o desamparo, o sujeito faz de seu próprio gozo o estofo com que vai sustentar o Outro, atribuindo-lhe a causa.

Com Lacan, sabemos que a falta que experimentamos é, na verdade, consequência do fato de sermos seres de linguagem. Em um primeiro momento, o significante, ao encarnar no corpo, mata o gozo. No entanto, o significante não apenas mata o gozo, mas também produz um gozo que vai ser vivido como excesso, como transgressão e que convoca a uma solução de caráter ético. Esse gozo, resto da operação de linguagem, Lacan vai dizer que não encontramos outro lugar para ancorá-lo senão no Outro. Daquela parcela da qual me sinto privado, deve ser o Outro que goza. Isso faz desse Outro um outro consistente, um outro que sabe. Daí que, na tentativa de resolver o caráter problemático de seu desejo e de sua satisfação, o neurótico recorre ao Outro, seja para buscar a garantia de seu reconhecimento, seja para acusar seus privilégios.

Para operar diante desse cenário, diz Lacan (1967/2003), foi que “Freud sentiu que era seu dever reintroduzir nossa medida na ética através do gozo”. Como podemos interpretar essa espécie de “imperativo” freudiano?

O Outro falta como aquele que viria fazer consistir o todo, soldando a hiância entre linguagem e gozo na qual se constitui o ser falante. Ao desvencilhar-se disso que se construiu para sustentar junto a si a presença desse Outro, pode-se consentir com uma perda de gozo, que, por sua vez, abre para outra satisfação. Uma satisfação que envolve também a constatação de que há saber em jogo nessa experiência em que algo fracassa. Um saber limitado, furado, mas do qual o sujeito pode apropriar-se para fazer uso dele.

O analista é alguém que, pela própria experiência, constatou o engodo. A experiência de uma análise, ao inscrever o $S(A)$, significante da falta no Outro, propicia justamente a descoberta de que o Outro não só não sabe, como fundamentalmente não existe como instância garantidora. Diante dessa ausência, cada um é chamado a responder pelo que é, na verdade, seu próprio gozo enigmático.

Não é fácil adquirir a certeza de que isso funciona, e aqui vai ficando claro por que não é possível que o analista leve seu analisante a um ponto em que ele mesmo, analista, nunca esteve. Para adquirir a certeza necessária ao ato, é preciso que se inscreva, para esse que se propõe a analista, algo que supere a tendência fundamental do ser falante ao não querer saber nada d'isso.

A análise precisa levar ao ponto em que todas as esperanças de um Outro que dê o suporte da existência percam sua razão de ser. Perder a esperança nesse Outro não é o mesmo que bater de frente com ele. É, antes, um esvaziamento desse lugar que ocorre quando nos damos conta de que somos todos filhos do discurso, todos submetidos à castração. Por isso, a análise precisa perseguir essa via pela

qual o axioma da fantasia “o Outro goza” venha a ser substituído por outra escrita, que, no final, é “O Outro falta” (Lacan, 1980/2023).

Uma vinheta clínica

Uma mulher adulta busca uma análise, batendo-se com uma reivindicação massiva feita a uma mãe que declina de ocupar esse lugar. Diz à analista: “eu sinto que eu tenho um cheque sustado, não descontado, e que eu preciso cobrar que ela me pague”. Esse sujeito, que é um funcionário-padrão, trabalha noite e dia para manter esse Outro materno, enquanto vela seu amor pelo pai. Com a análise, permite-se a duras penas que algo do desejo apareça: pela primeira vez, envolve-se com um homem que ama e torna-se, ela mesma, mãe. Um sonho vem selar essa virada: chega à casa e busca uma roupa confortável para vestir. Escolhe um lindo vestido cor de rosa, cheio de babadinhos e fru-frus, que, de fato, em um primeiro momento, pareceu-lhe bastante cômodo. Eis, então, que surge uma criancinha, que lhe diz: mas esse vestido é meu! Só então esse sujeito percebe como o vestido era muito apertado e que já não lhe servia mais.

Uma análise é justamente essa experiência de mutação radical no programa de gozo de um sujeito em que ele precisa desvencilhar-se da roupinha feita com o ideal das insígnias do Outro [I(A)] e que o aprisiona na imagem da jaula do narcisismo [i(a)]. Só assim se pode pôr fim à demanda infantilizada do “pai, não vê?” e consentir com a perda do gozo ruinoso.

Uma saída viável do discurso capitalista

Diante da “criança generalizada” de nossa época — em que proliferam identificações prontas e demandas de reconhecimento ao Outro —, a psicanálise oferece um caminho radicalmente diferente. Não se trata de libertar o sujeito de um suposto opressor externo, mas de levá-lo a confrontar seu próprio gozo enigmático ali onde o Outro falta.

Enquanto o discurso capitalista promete libertação pelo consumo de identidades e objetos de gozo, a psicanálise aponta para uma libertação muito mais radical: a do sujeito que, ao perder as esperanças no Outro, encontra na falta mesma a condição de seu desejo. Se a criança generalizada é o sintoma de uma época que recusa a castração, uma análise é o convite a inventar um modo de viver que não se deixe colonizar pelos imperativos de gozo do capitalismo. Só assim, diz Lacan (1971/2003), alguém pode tomar-se como o agente da própria virada.

“Tomar-se pelo agente”, e não pela criança objeto do Outro, é mobilizar aquilo que chamarei aqui de um “infantil singularizado”. Esse “infantil singularizado” não remete à infância cronológica, mas àquilo que resiste à apreensão simbólica — um resto pulsional que não se deixa educar, governar, integrar. Uma marca do

gozo que não se universaliza, um modo único de responder ao encontro com o real do corpo e da linguagem. Esse resto irreduzível, colhido pelo corte analítico, pode permitir ao sujeito reinventar suas coordenadas. Eis nossa medida na ética — nem a da libertação imaginária, nem a da submissão ao discurso dominante, mas a da invenção sempre por se fazer e que permite dizer que, apesar de tudo, “a vida presta!”.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1990). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 247-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Izcoyich, L. (2006). L'impossible dans l'expérience analytique. *L'en-je Lacanien*, 7, 9-30.
- Lacan, J. (1978). Du discours psychanalytique. In J. Lacan. *Lacan in Italia* (pp. 32-55). Milan: La Salamandra. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre a psicose na infância. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1063)
- Lacan, J. (2023). O Outro falta. In J. Lacan. *Nos confins do seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)

Recebido: 08/04/2024

Aprovado: 03/05/2024